

# Carta ao Mestre Jorge O. Caron

Barcelona, 12 de  
junho de 2022

depoimento de  
Reinaldo Cònsoli\*



**Figura da página anterior:** Croquis de figurino da peça “Esperando Godot”, Direção Antunes Filho, 1977, autoria de Jorge O. Caron. Fonte: Acervo Jorge Caron. (Imagem acrescentada pelos editores desta edição temática ao presente texto)

## — Querido Caron,

Espero que estas palavras te encontrem e que você esteja bem. Já faz muito tempo que não nos vemos, desde 1999! Naquela época eu já tinha terminado a graduação e fazia poucos meses que estava morando em São Paulo. Me lembro de que fui te visitar no hospital da Cidade Universitária assim que fiquei sabendo que você estava hospitalizado. Nesta ocasião até fomos dar um passeio pelo corredor e pela saída de emergência do edifício, onde você me filou o último cigarro escondido dos enfermeiros, apesar de ser algo proibido. Assim como nesta frase de efeito que você me repetiu várias vezes e que eu nunca me esqueci, sinto que realmente “somos ignorantes da nossa própria história” e naquele tempo eu jamais podia imaginar que aquele seria nosso último encontro e da saudade que você deixaria em muitos de nós.

Você sabe que até hoje eu tenho estas conversas mentais contigo porque a tua forma aguçada e provocativa de ver e pensar o mundo nunca nos deixou indiferentes. Sempre que a vida me põe diante de um ponto decisivo você continua sendo uma orientação, um ponto de referência e me pergunto: O que o Caron pensaria sobre isso? Como o faria? Acabaríamos com uma bronca, um estímulo motivador ou alguma surpresa “caroniana” totalmente inesperada? Tem assuntos sobre os quais eu já nem te falo mais porque sei que você não tem outra posição, como por exemplo, eu não ter voltado ao Brasil para morar e atuar profissionalmente depois do mestrado, mas sobre isso já te expliquei minhas razões pessoais e ainda sinto que os caminhos estão abertos.

Desta vez te escrevo uma carta porque desta forma outras pessoas poderão ler e conhecer um pouco mais sobre você nesta edição especial que a Revista Risco dedica à tua memória. Uma homenagem mais que merecida e diante da qual espero contribuir satisfatoriamente. Também espero que você e os leitores entendam que tudo o que comento aqui faz parte das minhas memórias, que muito tempo já passou e que é difícil ser exato nestas circunstâncias, o que sempre nos pode levar a algum tipo de recriação do passado. Desde 2020 que o IAU-USP (Instituto de Arquitetura e Urbanismo) está organizando atividades e eventos com o objetivo de resgatar e registrar a memória do nosso curso, desde a época do SAP-USP (Departamento de Arquitetura e Planejamento), quando ainda éramos um departamento da EESC-USP (Escola de Engenharia de São Carlos). Numa destas atividades alguns ex-alunos fomos convidados para fazer depoimentos sobre nossa trajetória profissional e estudantil, em muitos destes depoimentos você aparece como o personagem marcante que foi na formação de todos nós que tivemos a sorte de te conhecer. Outro evento emocionante foi o Colóquio Jorge Osvaldo Caron, onde vários profissionais fizeram um resgate amplo e instigante sobre esta tua atuação “multi profissional”, do explorador das relações

\* Reinaldo Consoli é Arquiteto e Urbanista.

entre distintas linguagens, da tua importância como docente na formação de várias gerações de Arquitetos, além de destacar o grande ser humano Caron.

Tantas vezes discutimos contigo a importância da Memória para a viabilidade de um futuro embasado em um projeto, na leitura e transformação do passado e do presente. Agora escrevo estas linhas na esperança de poder contribuir com meu caquinho neste mosaico que coletivamente vamos construindo sobre você e as questões que atravessam a nossa história. Bendito Maldito Caron! Eu sei que você deve estar rindo sozinho, como costumava fazer quando eu me enrolava no que queria dizer, mas aqui nós rimos juntos porque esta tua risada “a La Muttley” é uma recordação engraçada demais. Shishishi, shishishishi...

Depois de tanto tempo e tantos alunos, talvez você nem saiba ou não se lembre, mas eu comecei o curso de Arquitetura em São Carlos em 1992, com apenas 17 anos de idade e vindo diretamente do que você já chamava de zona metropolitana de Ribeirão Preto, especificamente da pequena Pitangueiras. Cheguei totalmente infantil e despreparado, mas este curso que vocês prepararam cuidadosamente para a gente, com seus êxitos e imperfeições, foi como entrar num portal dimensional para descobrir novas realidades. A formação em Arquitetura mudou nosso olhar para sempre, abriu portas e janelas, microscópios e telescópios para o infinito que é o Conhecimento. Durante o curso a nossa entrega era total, tudo girava e se organizava pela Arquitetura. As condições de uma escola pequena, numa cidade relativamente pequena, propiciava a imersão. Aquilo foi um ato de fé, num clima de sedução pelas Arquiteturas e pelas Culturas. Este processo me obrigou a me descobrir e a me inventar, foi duro, mas também foi bonito demais.

Naqueles primeiros anos também tive a sorte de encontrar outros grandes professores como a Mayume, a Rotí, o Agnaldo, a Cibele, o Mancha, o Nabil, o Tramontano, o Carlos e tantos outros que pouco a pouco foram me ajudando a dar forma a este novo Arquiteto. Agradeço que eles tenham me preparado para, entre muitas outras coisas, te encontrar mais tarde já um pouquinho mais formado. Nesta época os únicos contatos que tive contigo foram nas reuniões da Sequência de Linguagem, onde fui representante dos alunos durante meu segundo ano e você era um dos docentes da equipe. De fato, eu só fui ter aulas contigo a partir do terceiro ano, mas de uma forma ou de outra, todos conhecíamos através dos alunos veteranos a fama do Caron. O duro, o provocador, o irônico, mas para a maioria, um grande e fantástico professor.

Apesar das conquistas do início do curso, lá pelo terceiro ano, tal e como já havíamos sido avisados de que era muito comum ocorrer, o êxtase que caracterizou os primeiros anos havia passado. Por um lado eu estava contente porque sentia que estava aprendendo a organizar o pensamento, a falar com mais clareza, a escrever e desenhar com intenção, a projetar, a trabalhar em grupo, a somar com as ideias dos companheiros (o que é muito difícil nos primeiros anos), mas por outro lado eu sentia que começava a faltar motivação para a continuidade deste processo. Nesta época eu já estava metido de cabeça no grupo de teatro do campus (Grupo de Teatro Experimental Evoé!). De alguma forma o Teatro até competia com a Arquitetura aqui dentro. Numa sexta-feira à tarde eu estava meio perdido pelo departamento de Arquitetura e te encontrei. Você me perguntou o que eu estava fazendo ali e me

chamou pra conversar. Foi quando te contei um pouco sobre a confusão na qual eu me encontrava. Acredito que naquele dia começamos uma relação de mestre e aprendiz num outro nível, o que mudou o meu entendimento e me gerou o estímulo que faltava, a vontade de pensar e relacionar as duas linguagens e muitas outras. Esta foi a primeira de uma série de longas e saborosas conversas sobre Teatro, Arquitetura, Política, Cotidiano, Culturas, qualquer coisa, tudo era motivo para aprender. As interfaces ganharam protagonismo e no meio da confusão você e “O Território do Espelho” me salvaram.

Uma das sessões mais geniais que ainda guardo na memória foi uma aula tua sobre o mundo dos sentidos na disciplina Desenho do Objeto. Neste dia você falou muito, como sempre, e num dado momento nos contou o que até hoje não sei se é verdade ou fantasia tua, que o aparato visual das moscas só é capaz de perceber a luz refletida pelo açúcar, logo nos convidou a imaginar como as moscas enxergavam os nossos lábios iluminados e voadores no meio da sala escura. As gargalhadas e o fascínio dominaram o ambiente, mas o mais importante é que fomos capazes de perceber que nossa relação com o mundo está pautada por nossas capacidades perceptivas, condicionadas também pela fisiologia dos nossos corpos. Outros momentos incríveis aconteceram na tua casa, onde vários alunos frequentávamos para as sessões de atendimento e ter estas conversas tão transformadoras. Me lembro de encontrar várias vezes com a sempre tão gentil Suelí, me lembro de ver por primeira vez muitos objetos de design que só havia visto em livros (aquele telefone vermelho, cadeiras famosas, luminárias espetaculares, etc.), me lembro de livros que nunca tinha visto. O mais importante é que nestas conversas sempre havia sentimentos, nem sempre bons, como quando eu estava lendo “Em busca de um Teatro Pobre” e um dia cheguei te contando que havia falecido Jerzy Grotowski. Você me olhou fixo e me disse que era assim mesmo, “as pessoas morrem”. Foi duro escutar esta verdade, mas até ali, naquele olhar fixo, havia sentimento. O que considero fundamental num processo de aprendizagem.

Destas conversas acabamos formando o que foi meu TGI – “A Terceira Margem do Rio - Arquitetura do Teatro Itinerante na Hidrovia Tietê-Paraná”. Acredito que este projeto foi uma forma de juntar vários interesses teus e meus, o que nos permitiu trabalhar nas fronteiras entre Teatro, Arquitetura, Desenho industrial, Paisagem, Urbanismo (já que as margens destes rios ainda não estavam urbanizadas). Foi muito bonito e gratificante desenvolver este trabalho e ter a sorte de ser orientado por você. Eu sentia que você acreditava em mim mais do que eu mesmo o fazia. Talvez isso explique o fato de você se emocionar e chorar no dia da apresentação do TGI, ou talvez existam razões mais pessoais que você não chegou a me contar, às vezes volto a me perguntar por aquele dia. Enfim, no final ganhamos até uma menção honrosa no Prêmio Paviflex.

Naquela época muitos alunos mais novos que eu estavam começando a se dedicar à pesquisa porque se estavam formando os grupos de investigação do Departamento. Não tínhamos muitos professores doutores até então, muitos estavam fazendo ou terminando seus doutorados, como você. Quando eu senti que já se aproximava o fim do curso e eu não tinha feito uma iniciação científica eu te disse que eu também queria ter esta experiência, além de que nos faltavam muitas informações para desenvolver o projeto do TGI. Foi quando decidimos transformá-lo também num projeto de pesquisa via FAPESP – “Arquitetura do Teatro Itinerante na Hidrovia Tietê-

Paraná – subsídios para projetos”. Terminar o curso desta maneira foi realmente um desafio e um presente, até tive que atrasar um pouco a apresentação do TGI para poder terminar a apresentação da FAPESP com a dedicação merecida. E valeu a pena!

A parte mais bacana da investigação foram as duas viagens pela Hidrovia Tietê-Paraná. Da primeira vez, estimulado por você, eu fui com a “mochila nas costas e a coragem no bolso”. Através da tua carta de indicação eu consegui chegar numa empresa privada em Pederneiras e pedir para viajar numa embarcação até Pereira Barreto. Foram quatro dias inesquecíveis com a tripulação navegando pelo Rio Tietê, no interior de São Paulo. Da segunda vez eu fui de carro, observando assim a hidrovia a partir das margens, passando por várias cidades, mas tomando como objeto de estudo apenas quatro municípios. Me lembro bem de Barra Bonita, Presidente Prudente, Presidente Venceslau e cheguei até Rosana (na divisa entre Mato Grosso do Sul, Paraná e São Paulo). Ali visitei também um acampamento do MST pela primeira vez. Quando lá cheguei o primeiro que fiz foi ligar a cobrar na tua casa, desde um orelhão e com a sensação de vencer o desafio e também te devolver um pouco desta motivação. Nossa relação nem sempre foi fácil, quem conviveu sabe que você era brilhante, mas também muito duro às vezes. Tivemos vários choques, mas aprendi tanto e em tantos sentidos que só posso agradecer a honra de ter compartilhado aquele tempo contigo. Posteriormente também editamos o vídeo sobre estas viagens, quando você me pediu para por a música chamada “Cuitelinho” na trilha sonora. Por algum tempo eu pensei que era por isso que você havia chorado no dia da banca. Esta música às vezes me enche os olhos de água. Deste trabalho acredito que ainda existem registros na FAPESP e no antigo CEDOC.

Depois de formado, no começo de 1999, decidi ir morar em São Paulo com o objetivo de fazer o curso do Serroni no Espaço Cenográfico, seguindo os passos de outros ex-alunos e ainda contando com tua orientação quando me tirou da cabeça a ideia de tentar um mestrado diretamente. Você dizia que eu precisava “pisar no inferno”, referindo-se ao mercado de trabalho, e eu fui. A partir de então nosso contato foi diminuindo pela distância e pelas circunstâncias pessoais de ambos. Quando você se foi nós ainda tínhamos muitas coisas por fazer e que ficaram no meio do caminho. Tínhamos combinado com o pessoal do Espaço Cenográfico que a maquete do TGI seria exposta na Quadrienal de Praga daquele ano, o que ao final não rolou e eu nunca entendi bem o porquê. Também tínhamos o objetivo de apresentar o projeto ao SESC, mas o teu estado de saúde piorou e eu não soube fazê-lo sozinho. Sinto que te devo desculpas por não ter tido condições de levar o projeto adiante, mas a tua ausência também me tirou do eixo.

Aqui na terra a vida continua complicada, apesar de ser também bonita em muitos aspectos. Em linhas gerais eu te diria que seguimos “Esperando Godot” e muitas coisas seguiram o triste rumo que já observávamos no final do século passado: grande parte da Arquitetura continua sequestrada pelos mercados, a “ditadura capitalista” se consolidou efetivamente e, a pesar de se falar muito de sustentabilidade, o planeta se deteriora de forma assustadoramente rápida. É verdade que avançamos muito em temas de igualdade e respeito à diversidade, mas ainda falta muito por fazer e a reação da parte mais conservadora da humanidade tem sido potente e dificultado muito o avanço. Agora temos umas tecnologias que em teoria democratizaram a

informação, mas o resultado não tem sido o esperado já que grande parte das pessoas se guia por notícias sem fundamentos ou que não têm nenhum compromisso com a verdade. Seria incrível se todo mundo tivesse feito ao menos uma iniciação científica e conseqüentemente cuidasse melhor das fontes consultadas. Eu acredito que você se assustaria e ficaria furioso com muitos dos debates que ocorrem atualmente nas redes sociais. Tem até gente pedindo a volta das ditaduras, entre outras barbaridades, mas isto já seria tema para uma próxima carta. De momento eu quero te contar que estamos bem, seguimos lutando como podemos e sinto que tua contribuição na formação de muitos de nós continua reverberando por melhoras na qualidade de vida neste planeta. Espero que proximamente possamos voltar a avançar no caminho em que estávamos seguindo na primeira década dos anos 2000. Te escrever estas palavras me faz sentir o quanto você continua vivo dentro de muitos de nós. Obrigado por tudo e por tanto! Te deixo abaixo a letra desta canção que sempre vai me lembrar você.

### Cuitelinho

Cheguei na beira do porto  
 Onde as onda se espalham  
 As garça dá meia volta  
 E senta na beira da praia  
 E o cuitelinho não gosta  
 Que o botão de rosa caia, ai, ai

Ai quando eu vim  
 Da minha terra  
 Despedi da parentália  
 Eu entrei no Mato Grosso  
 Dei em terras paraguaias  
 Lá tinha revolução  
 Enfrentei fortes batáia, ai, ai

A tua saudade corta  
 Como aço de naváia  
 O coração fica aflito  
 Bate uma, e a outra faia  
 E os zóio se enche d'água  
 Que até a vista se atrapáia, ai ai

Eu vou pegar seu retratinho e colocar numa medalha  
 Com seu vestidinho branco  
 E um laço de cambraia  
 Coloca-la no meu peito  
 Onde o coração trabalha ai ai

*(Paulo Vanzolini e Antônio Carlos Xandó)*

Um forte abraço,  
 Do teu aprendiz e amigo,  
 Reinaldo Cõnsoli